

Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia

Bruna de Oliveira Santos Pinto

Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro

Luciana da Silva Rodriguez

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é, apoiado na psicossociologia, apresentar o método de história de vida e sua utilização no campo do trabalho. A ele atribuímos o nome de história de vida laboral.

Para a psicossociologia, o método “história de vida” busca coletar e analisar o discurso de um indivíduo e/ou de um grupo, considerando seus aspectos pessoais,

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 2 | N. 5 | DEZEMBRO | 2015 | ISSN: 2358-6311



familiares, sociais e/ou históricos. Seu principal objetivo é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador (GAULEJAC, 2007). Nesse processo, evidencia-se o que foi vivido por esses sujeitos, recuperando memórias e experiências, penetrando em sua trajetória e compreendendo a dinâmica das relações que estabeleceu ao longo de sua existência. Nessa direção, o sujeito é sempre considerado nas imbricações das diversas relações que estabelece, sejam elas profissionais, amorosas, familiares, ao longo de sua trajetória de vida. Ao falar de si, fala do processo por ele experimentado, que está intimamente ligado à conjuntura social onde se encontra inserido.

Dando foco ao campo laboral, a psicossociologia do trabalho e o recorte laboral do método de história de vida têm se mostrado muito interessantes em termos de investigação, análise e intervenção, como será melhor desenvolvido adiante.

A PSICOSSOCIOLOGIA

A psicossociologia (CARRETEIRO, 2001a; 2005a; BARUS-MICHEL, J, ENRIQUEZ, E. LEVY, A.: 2005) corresponde a um ramo da psicologia que se ocupa de sujeitos, grupos, organizações e instituições em situações do dia-a-dia, em uma perspectiva de análise e intervenção pautadas na abordagem clínica.

Ela reflete, portanto, atributos teóricos e metodológicos da sociologia e de abordagens clínicas, principalmente da psicanálise, mas também da corrente existencialista. Estas tensionam e se relacionam, buscando estabelecer conexões, relações entre a clínica e o social. Nessa perspectiva, entende-se que aspectos subjetivos interferem no contexto social e que a dimensão coletiva produz efeitos na experiência individual (RHÉAUME, 2009).

A primeira questão-chave proposta por essa abordagem é a da dupla constituição do sujeito. De um lado há os diversos elementos intrapsíquicos singulares, e, por outro, um sujeito inscrito em um universo social. A psicossociologia atua principalmente na investigação das reciprocidades entre o individual e o coletivo, entre o psíquico e o social (LHUILIER, 2011). Aqui, privilegia-se o termo “entre”. Sua função é tensionar as relações do homem na sociedade e postular a indissociabilidade de ambos.

O indivíduo é multideterminado. Ele é produto de uma história complexa que diz respeito, ao mesmo tempo, à sua existência singular, portanto, ao seu desenvolvimento psíquico inscrito numa dinâmica familiar, e à sua existência social, vista como uma encarnação das relações sociais de uma época, de uma cultura, de uma classe social. Todas estas determinações são tão equivalentes, embora sejam dificilmente indissociáveis (GAULE]AC, 2001, p. 37).

É fato que não existe sujeito fora do social, e para a psicossociologia interessa as situações sociais reais nas quais um indivíduo participa. São situações que existem com ele, fora dele, pelas quais é influenciado e que também reforça (LHULLIER, 2011). Não se trata, dessa maneira, de investigar as influências do social no individual, pois os indivíduos não vivem estas situações de modo passivo. Todo indivíduo é produto de uma história e ele busca se tornar sujeito da mesma (GAULEJAC, 2001). É ativo em seu processo de apropriação do social e do histórico, assim como expressa a sua subjetividade neste mesmo social. Em cada ato e em cada prática está impressa sua singularidade, assim como traços dos contextos onde se insere, dos processos de socialização que vive e de sua interação com os grupos.

A abordagem psicossociológica se considera sempre em construção e cresce nos interstícios de disciplinas distintas. Ela concebe os objetos de investigação como complexos (MORIN, 1996) e multifacetados e, por isso, estende as discussões articulando abordagens e ferramentas diversas e distintas, levando-se em consideração os limites epistemológicos de cada uma. A intenção é a de estabelecer um diálogo, que considere a importância do pensamento complexo, numa proposta de criação de um conhecimento que seja multidimensional (BARUS-MICHEL; ENRIQUEZ; LEVY, 2005; DUBOST, 1987). Isso significa dizer que as

análises procuram articular as dimensões psíquicas, sociais e políticas de um determinado objeto.

Caminhando entre as fronteiras disciplinares e convocando diversos saberes para iluminar o objeto pesquisado, fica evidenciado que a psicossociologia se interessa não só pelo indivíduo, mas pela cultura, pela história, pelos valores, pelas práticas onde está inserido. Assim como aspectos familiares e inconscientes que influenciam suas relações com as instituições. Para Gaulejac (2001, p. 41), “Se o indivíduo é produto de uma história, esta condensa, de um lado, o conjunto de fatores sócio-históricos que intervêm no processo de socialização e, de outro, o conjunto de fatores intrapsíquicos que determinam a sua personalidade”.

Portanto, não se pode pensar no sujeito sem considerar os diversos fatores que o atravessam. A análise é sempre dialética, apreendendo o peso das condições sociais nas condutas humanas, e levando em conta a singularidade do trabalho psíquico.

No campo da psicossociologia, as instituições e organizações se mostram como terrenos importantes e férteis para análises e intervenções. Nelas são expressos muitos fenômenos de poder e suas ramificações, ou seja, normas de condutas que vão guiar os comportamentos na sociedade. Por isso, é necessário discuti-las com

maior profundidade para melhor compreender sua importância para as psicossociologia do trabalho.

INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES

As instituições são os "conjuntos" que regulamentam as sociedades, que as estruturam de maneira estável, ou seja, que dão forma a coletividade através das normas de comportamento que instituem. Para Enriquez (1997, p. 71), "pode se dizer então que uma instituição visa a estabelecer um modo de regulamentação e tem por objetivo manter um estado, fazê-lo durar e assegurar sua transmissão". São as instituições as responsáveis pela mediação dos conflitos e impressão de sanções, quando as mesmas julgam necessário. Através de seus diferentes dispositivos, uma dupla função é exercida: ao mesmo tempo em que ameniza uma situação conflituosa, é papel das instituições também punir estas mesmas situações. Enriquez (1997), apoiando-se na psicanálise, mostra como as instituições apaziguam aparentemente os conflitos sociais:

Mascarar para fazer surgir em seu lugar a harmonia, o consenso ou pelo menos a solidariedade e por isso, fazer-nos renunciar às pulsões egoístas e chegar às pulsões altruístas, canalizando a agressividade inerente ao encontro com o outro (ENRIQUEZ, 1997, p. 72).

O referido autor argumenta que, por esta capacidade normativa, a escola, a família e o trabalho são considerados instituições. Nestes lugares se decidem as perspectivas normativas do corpo social (suas complementaridades como as suas contradições), nestes lugares se exprimem então os poderes, quer dizer, os processos decisórios, que podem ter uma força coagente, considerada como legítima pela maioria da população, no nível operacional (ENRIQUEZ, 1997).

As instituições não existem sem as organizações, pois é a partir delas que adquirem duração, podem ser renovadas e é através de uma organização que uma instituição pode ser expressa. Dentre as organizações que o indivíduo está inserido, existem as organizações do trabalho.

Como sistema cultural, as organizações ligadas ao trabalho fornecem uma gama de normas e leis que devem ser obedecidos por aqueles que delas participam, interferindo no comportamento e no modo de pensar dos indivíduos. Promove também socialização, para que seus indivíduos atendam às funções de maneira satisfatória, buscando acolher o ideal proposto para função exercida. Estes modelos de socialização incluem maneiras, modos de proceder que excluem aqueles que não se adequam, promovendo o recrutamento dos “bons” em detrimento dos “maus”. A psicossociologia do trabalho tem interesse nestes modos de proceder, nos meandros organizacionais, que contribuem para a construção

de uma cultura organizacional que fomenta a valorização ou descarte daqueles que não atendem a mesma. Pensar as organizações de trabalho é também pensar o modo como os indivíduos existem naqueles espaços, como é valorizado ou alienado na execução da sua tarefa, e como a organização pode influenciar diretamente na vida dos sujeitos.

PSICOSSOCIOLOGIA DO TRABALHO

Como anteriormente colocado, os psicossociólogos tem como objeto privilegiado, de forma geral, as relações entre o sujeito e o seu meio ambiente, e o trabalho é um dos aspectos deste último (AMADO; ENRIQUEZ, 2011). Ao voltar sua atenção para as questões do campo laboral, a psicossociologia coloca no centro de suas preocupações teóricas, éticas e metodológicas o trabalhador e o grupo institucional, como sujeitos de suas ações, almejando auxiliá-los a conhecer os limites e as possibilidades dos lugares sociais e psíquicos que ocupam nas organizações onde realizam suas atividades laborais e, conseqüentemente, nas formas de atuação no campo do trabalho.

A perspectiva clínica tem uma atenção constante ao sentido, ou melhor, aos sentidos que ao longo do trabalho vão se coproduzindo junto ao conjunto dos

trabalhadores que participam da intervenção (psicossociólogo, sujeitos individuais, grupos).

A clínica, concebida de modo amplo, estabelece vínculos entre aspectos globais e particulares. Ela postula que toda situação é singular, pois é única, mas também é perpassada por aspectos transversais, comuns a outras situações. O desafio do profissional é manter uma dupla atenção ao singular e a conjuntura mais geral, e propiciar que todos os envolvidos possam ampliar suas lentes, levando a produção de novos sentidos, conceituações e ações. Os aspectos psíquicos dos sujeitos sociais e coletivos participam da produção de sentido.

É essencial na psicossociologia a ideia de que os indivíduos se transformam, modificam suas condições de trabalho e de existência, e são agentes de mudança nas organizações.

NO CAMPO DAS INTERVENÇÕES PSICOSSOCIOLÓGICAS

Se a psicossociologia preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, isso só pode se dar a partir do contato de um pesquisador e pelo menos um sujeito. Isto posto, pode-se dizer que não há pesquisa em psicossociologia sem efeitos de intervenção.

Desde suas bases, a partir das pesquisas qualitativas de caráter interacionista realizadas na Escola de Chicago, a psicossociologia se consolidou como um campo de produção de conhecimento fortemente marcado pela prática. Desde suas bases, a partir das pesquisas qualitativas de caráter interacionista, a psicossociologia se consolidou como um campo de produção de conhecimento fortemente marcado pela prática e pela dimensão relacional, que é um pressuposto básico. Considera-se importante o estabelecimento de um *rapport* com os participantes do grupo de trabalho. Isso significa dizer que se preza a construção de uma relação na qual possa existir reciprocidade na comunicação entre as pessoas que visam um trabalho/ ação comum. Fala-se de compartilhamento do(s) sentido(s) alcançados ou desejados conjuntamente. Trata-se de um trabalho na relação e sobre a relação.

Na psicossociologia a dimensão relacional é um pressuposto básico. Considera-se importante o estabelecimento de um *rapport* com os participantes do grupo de trabalho. Isso significa dizer que se preza a construção de uma relação na qual possa existir reciprocidade na comunicação entre as pessoas que visam um trabalho/ ação comum. Fala-se de compartilhamento do(s) sentido(s) alcançados ou desejados conjuntamente. Trata-se de um trabalho *na relação e sobre a relação*.

Logo, há a insistência quanto a necessidade de invenção de dispositivos de trabalho que venham favorecer a expressão e a reflexão dos participantes e do pesquisador, em um processo co-constutivo de sentidos, de um saber sobre o “objeto” em questão e sobre a própria experiência relacional dentro do dispositivo. Estabelece-se uma relação dialética entre teoria e prática. O dispositivo de intervenção e o espaço de pesquisa são correspondentes e indissociáveis.

Nesse contexto, é importante que uma demanda esteja colocada para que haja intervenção. Ele refere-se a um desejo de mudança e pode se traduzir de várias maneiras: projetos, crises, planejamentos e reestruturações diversas. Ela pode ser explícita, quando provém de um grupo, de uma coletividade, de uma instituição. Para isto, três elementos devem estar presentes: o reconhecimento de um mal estar ou sofrimento; o endereçamento da demanda; a retribuição.

Ela também pode ser implícita, quando não há a explicitação e endereçamento da demanda. Não há a presença do conjunto dos 3 elementos citados. O que se observa é um sentimento de mal estar ou sofrimento. Os coletivos desconhecem que podem solicitar os serviços de profissionais para ajudá-los.

A transformação do mal estar em demanda de trabalho de intervenção passa por uma construção social que tem como pressuposto o conhecimento da

existência de profissionais (psicossociólogos) que auxiliam na execução de atividades que podem derivar, a partir do empenho de todos os envolvidos, em melhorias das condições laborais. Nesse caso, a proposta de trabalho feita a um grupo ou coletivo, é oriunda do profissional.

NA TENSÃO ENTRE PESQUISA E INTERVENÇÃO

Trabalhar nesse enfoque é, sem dúvida, colocar-se numa tensão permanente, na medida em que de um lado, está-se norteado pela dinâmica da produção do conhecimento científico (da pesquisa: exterioridade em relação à situação, ao contexto e ao objeto estudado) e de outro, inclinado para a intervenção (a prática clínica que é da ordem do "conhecimento intuitivo" no "aqui e agora": interioridade e implicação) que é orientada pela ideia de relação de "ajuda", de facilitação à emergência das expressões, de identificação dos problemas vivenciados pelos sujeitos em situação de "análise".

É necessário, portanto, esforço por juntar pesquisa e prática. Para alcançar tal objetivo, a psicossociologia define algumas proposições que orientam os profissionais desse campo. O primeiro ponto é construir um espaço de interrogação. Isso significa que quando uma demanda de intervenção ou de pesquisa é dirigida a um profissional, ele a considera inicialmente como

compondo campo de interrogação. O pesquisador não analisa a priori a demanda, mas deve poder interrogá-la.

O segundo aspecto a se estar atento é a escuta plural. O profissional vai progressivamente adentrando no campo de trabalho através de intervenções que constrói, específicas para cada situação, onde a escuta é, inicialmente direcionada para os atores que são portadores da demanda. Progressivamente são associados outros atores. O propósito é apreender os sentidos múltiplos que podem ser construídos levando em consideração o conjunto de eixos que atravessam as situações pesquisadas ou intervenções realizadas. Os sentidos apreendidos não são fixos, mas dinâmicos. Eles podem sempre ser reconstruídos.

O terceiro ponto é a noção de situação, já mencionada anteriormente. Esta apreende a dimensão espacial e temporal, observa aspectos históricos, econômicos, políticos e institucionais que envolvem o fenômeno organizacional investigado. Isto faz com que todo fenômeno seja apreendido na sua complexidade. É imprescindível analisar as limitações e as possibilidades das situações.

Seguindo esse caminho, é importante pensar na singularidade da situação e na sua transversalidade. Cada situação é envolta em uma malha particular que tem aspectos comuns a outras situações, mas também aspectos únicos, que lhe são

específicos. Isto faz com que a análise de um fenômeno em um mesmo momento social tenha significados diferentes em contextos diferentes. No entanto, a situação pode também ter aspectos transversais, ou seja, os elementos contidos nela estão presentes em diferentes situações organizacionais.

A co-construção de sentidos é outro aspecto que merece destaque. As pessoas da organização que participam da intervenção ou da pesquisa têm um lugar ativo. Cada um participa com o seu saber, mesmo que ele seja informal. É preciso positivar os sujeitos (com aspectos conscientes e inconscientes) visto que contribuem para a transformação. Por outro lado, os psicólogos que pesquisam ou intervêm são pessoas implicadas no processo, estão atentos ao que experimentam na realização do trabalho. Eles têm um saber que é posto em contribuição à análise, mas esta só será eficiente se as pessoas que fazem parte das organizações forem vistas como co-produtoras de análises. Acredita-se que estas possam criar desvios nas formas de proceder, construir outros posicionamentos e direções na perspectiva do trabalho.

Por fim, é essencial construir dispositivos sócio-clínicos que abarquem as condições acima citadas. Em princípio não existe um único dispositivo, estes são construídos de acordo com a situação organizacional. Eles objetivam apreender os

modos de construções das situações, suas funções, seus significados, seus aspectos enganadores, defensivos e inovadores.

Dentre as diversas formas de coleta de dados, pesquisa e intervenção, interessa em especial neste artigo o método de história de vida laboral.

HISTÓRIA DE VIDA

A História de vida cunha-se enquanto método a partir de pesquisas desenvolvidas na “Escola de Chicago” (COULON, 1995). Esta instituição tinha como marca a produção de conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos que a cidade de Chicago enfrentava na época (início do século XX). Esta crescia desordenadamente com a industrialização, fazendo aflorar desde as questões urbanas mais comuns como o crescimento populacional repentino, até a questão da imigração da Europa e Ásia, bem como o incremento da violência. Neste quadro, começaram a se destacar o funcionalismo em psicologia, a sociologia urbana, a ecologia humana, as formas sociológicas da psicologia social que receberam o nome de behaviorismo social e o interacionismo simbólico, produzindo contribuições relevantes até os nossos dias.

Nas décadas de 1920 e 1930, a sociologia urbana era o campo do conhecimento de maior relevância da Escola de Chicago. As pesquisas desenvolvidas eram majoritariamente qualitativas e utilizavam-se das mais diversas fontes, como jornais, cartas, documentos e também, relatos de vida. Pode-se dizer que foi o primeiro momento em que a sociologia considera o trabalho de campo em sua análise, desenvolvendo métodos de observação e coleta de dados a partir das fontes já mencionadas.

Talvez uma das maiores contribuições dessa escola seja justamente o desenvolvimento de métodos originais de pesquisa qualitativa: a utilização científica de documentos pessoais (cartas e diários), a exploração de fontes documentais diversas e o desenvolvimento de trabalhos de campos sistemáticos na cidade (GOLDENBERG, 1997). Esses trabalhos abriram portas importantes no campo da sociologia e propiciou o surgimento de outras abordagens teóricas, bem como influenciou metodologicamente outras.

No entanto, apesar da grande ênfase na pesquisa de campo, pouco foi escrito sobre isto. A obra que melhor aborda o tema é a pesquisa dos autores Thomas e Znaniecki (2004) intitulada *The polish peasant in europe and america: a classic work in immigration history*. Nessa obra, os autores explicitam o uso de vários métodos em sua pesquisa, entre eles a análise biográfica no capítulo "Nota sociológica". Este é o

marco para o surgimento da história de vida no campo das ciências sociais. Esse é um clássico da sociologia que teve como propósito compreender em que medida o comportamento dos estrangeiros no novo país pode ser entendido considerando os hábitos de seu país de nascimento. A maior parte destes imigrantes era de camponeses da Polônia, que tinham forte vinculação à família e a terra.

A obra que melhor aborda o tema é a pesquisa dos autores Thomas e Znaniecki (2004) intitulada *The polish peasant in europe and america: a classic work in immigration history*. Nessa obra, os autores explicitam o uso de vários métodos em sua pesquisa, entre eles a análise biográfica no capítulo “Nota sociológica”. Este é o marco para o surgimento da história de vida no campo das ciências sociais. Esse é um clássico da sociologia que teve como propósito compreender em que medida o comportamento dos estrangeiros no novo país pode ser entendido considerando os hábitos de seu país de nascimento. A maior parte destes imigrantes era de camponeses da Polônia, que tinham forte vinculação à família e a terra.

Fica evidenciado um choque cultural quando da passagem deles aos Estados Unidos, já que adentram em uma cultura de forte individualismo. Os autores analisaram anomias que surgem a partir da transição de um ambiente mais familiar, onde o coletivo era mais pregnante (Polônia), para uma cultura mais individualista (Estados Unidos). Para entendê-los dentro deste contexto socio-

histórico, os pesquisadores fazem uso de diversas fontes de informação: entrevistas, questionários, análise de cartas trocadas entre os imigrantes, e pela primeira vez, a análise biográfica de alguns informantes. Chegam até mesmo a publicar anúncio em jornais solicitando cartas recebidas de estrangeiros, enviadas por seus parentes.

Os autores trabalhavam com dados dos dois países: enquanto Thomas analisava informações coletadas na Polônia, Znaniecki resumia todos os documentos existentes sobre a vida de poloneses nos EUA. Privilegiavam o uso de documentos de primeira mão, como cartas enviadas a jornais pelos poloneses e documentos pessoais. Neste período, os relatos de vida eram utilizados e outras fontes reafirmavam o que fora dito nas histórias coletadas. O texto é considerado um verdadeiro manifesto científico, embora tenha sido amplamente criticado por teóricos mais recentes.

A inovação reside em estudar uma localidade através do ponto de vista daquele que vive nela. Os métodos permitem contato direto com a realidade pesquisada, o que influenciou metodologias que surgiram após esta época. É importante salientar que apesar de certa flexibilidade no uso dos instrumentos, Thomas preocupava-se com o cientificismo das informações, afirmando um distanciamento do pesquisador com o entrevistado, em detrimento a uma postura

de envolvimento emocional. O objetivo dos métodos utilizados era estudar e distinguir os “fatores subjetivos” dos “fatores objetivos”, verificando a interação entre eles e ainda, construir um quadro teórico e uma abordagem concernente à constante mudança da vida social moderna, sua complexidade e as interações que as caracterizam.

Outros autores como Sutherland, Clifford Shaw e Samuel Stouper tiveram destaque com o uso desse método. Todos o utilizaram conciliando-o com outros instrumentos que confirmassem ou reafirmassem as informações já apontadas pela história de vida. Ela dá destaque ao interacionismo, marca da sociologia nesse período. A proposta é que se deve compreender o que os indivíduos fazem, ascendendo desde o exterior até seu mundo particular e ainda, descrever o mundo particular dos indivíduos cujas práticas sociais se quer entender e analisar (COULON, 1995). Surge aqui o conceito de “sujeito analítico”, ou seja, o entrevistado analisa sua própria vida cotidiana, dando-lhe um sentido a partir de um contexto. E esta análise se soma a análise do pesquisador.

Apesar da Escola de Chicago ter sido berço de diversas abordagens empíricas, já citadas anteriormente, seus métodos foram fortemente contestados pela Sociedade Americana de Sociologia, que reivindicava cada vez mais o uso de técnicas quantitativas. Em 1935, elas já eram majoritárias neste campo, tendo seu

ápice com a pesquisa *American Soldier*, realizada por Samuel Stouper, em 1949. Ela objetivava uma modelização matemática para a vida social. Aos poucos, as metodologias sociológicas qualitativas foram dando lugar às quantitativas, de base estatística.

A história de vida foi abandonada por esta escola, sendo retomada apenas na década de 50 por Oscar Lewis quando ele investiga o que chama de "cultura da pobreza". Neste estudo o autor procurou analisar os intercâmbios realizados pelas famílias pobres para fazer face às situações de falta material. Apesar das diversas críticas tecidas ao seu trabalho, ele reinaugura a utilização do método biográfico.

Mais tarde, o sociólogo francês Daniel Bertaux desenvolve estudos baseados na história de vida, mas a discute enquanto técnica. Ele apresenta uma espécie de roteiro, onde baseado em suas experiências, descreve passo a passo cada momento da pesquisa biográfica. Bertaux (1980) entendia a história de vida como um conjunto de relações pessoais e interpessoais. Para esse autor, podem-se compreender não apenas as práticas sociais, mas também como se dá sua produção e sua conexão com as relações sociais (CARRETEIRO, 2005b).

Ao mesmo tempo, durante a década de 80, Franco Ferrarotti também investiu seus esforços no método de história de vida. Foi autor de diversos trabalhos que o abordavam, introduzindo novas críticas e proposições ao campo. Ele destacou o incremento da subjetividade, em detrimento a técnicas que buscavam objetivar os dados colhidos. Afirmava que as técnicas quantitativas não eram suficientes para entender o homem e as demandas que surgiam, visto que a interpretação, nestas perspectivas, se limitavam a adequar dados a questionários, o que, segundo o autor, empobrecia a análise. Para ele, é importante considerar a subjetividade, deixando espaço para o imprevisto, para o problemático (FERRAROTTI, 2006). O sujeito não é "coisificado", objetivado a fim de encaixar-se nas categorias levantadas a priori pelo investigador, como foi feito em muitos trabalhos. Ao contrário, o método deve ser utilizado para observar o que há nas entre linhas do discurso, o que não pode ser apreendido pelos questionários, por exemplo.

Para Ferrarotti (1983), cada vida pode ser vista como sendo ao mesmo tempo singular e universal. Isso se dá, pois é expressão da sua história pessoal e social, representativa de um determinado tempo, cultura, lugar social, de um grupo. Para o autor, cada pessoa é a síntese individualizada e ativa de uma sociedade. Cada um faz, portanto, uma reapropriação particular do universo social e histórico que a circunda. Em suas palavras: "O homem nunca é um indivíduo;

seria melhor chamar-lhe um universal singular totalizado e por isso mesmo universalizado pela sua época, reproduzindo-se nela enquanto singularidade" (FERRAROTTI, 1980, p. 229).

Outro aspecto de grande importância que o referido autor inclui nas suas análises é a relação estabelecida pelo entrevistador e o entrevistado. Ferrarotti destaca que o relatar de uma história se baseia em uma tentativa de comunicação com aquele que ouve. Para o autor, "Toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções" (FERRAROTTI, 1980, p. 227). Isso significa que a escolha dos fatos relatados e sua organização dependem da interação entre pesquisador e participante da pesquisa. Aquilo que o entrevistado pensa de seu interlocutor terá impacto na sua narrativa.

Na década de 80, Vincent de Gaulejac e o grupo Germinal ganham destaque no uso do método de história de vida. Vincent de Gaulejac, mais tarde trabalhando sobre o viés da Sociologia Clínica, cria uma série de seminários, onde ela é utilizada não apenas como método de pesquisa, mas principalmente como método de intervenção. Denomina sua abordagem "Romance Familiar e trajetória social", e os seminários abordam temáticas diferenciadas, tais como: a vergonha, a história do sujeito e trabalho, as crenças, histórias amorosas, entre outros. Os

participantes são voluntários e relatam suas vidas articulando-as com o tema do mesmo. As metodologias são construídas de acordo com a temática, mas entre os instrumentos uma atenção importante é dada a construção da árvore genealógica e da linha de vida. O objetivo é traçar uma tensão entre aspectos sociais, familiares e individuais.

Gaulejac inova o campo da História de Vida quando passa a considerar também o impacto que o inconsciente e os processos psíquicos têm nas trajetórias dos sujeitos. Até então os principais autores, também oriundos da sociologia, centravam suas análises nos determinismos sociais, em uma ordem sociológica. O autor considera em sua obra a gênese social de certos conflitos psíquicos, porém considera também a existência singular dos indivíduos.

Independente dos autores ou temas de pesquisa, a opção pelo método de história de vida formaliza a proposta de pensar os atravessamentos sociais a partir de trajetórias individuais, visto que cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social (GOLDENBERG, 1997). Trata-se de estabelecer uma articulação entre a biografia individual e seu contexto histórico e social.

Essa abordagem busca coletar e analisar o discurso de um indivíduo e/ou de um grupo, considerando seus aspectos pessoais, familiares, sociais e/ou históricos. Para Gaulejac (2007), seu principal objetivo é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Evidencia-se nesse processo o que foi vivido por esses sujeitos, recuperando memórias e experiências, penetrando em sua trajetória e compreendendo a dinâmica das relações que estabeleceu ao longo de sua existência. Trata-se, dessa maneira, de uma forma de coleta de dados no contexto das relações sociais. Ela é coerente com a ideia de pensar o homem em situação, visto que a história de vida não existe fora de um contexto. Ao contar sua vida, o sujeito fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido.

Outro aspecto importante deste método é a implicação do pesquisador. Um relato é sempre dirigido a alguém, tratando-se de uma abordagem sempre dual. No caso da pesquisa baseada na história de vida, o pesquisador sai da posição de detentor do saber. Sua função passa a ser ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo, aquilo que ele próprio julga importante. Há sempre uma invocação à memória, uma reconstrução do passado pela perspectiva do presente e atravessado por marcas sociais. É muito mais que um relato de fatos.

Ao que concerne ao entrevistado, o ato de contar a sua história mobiliza sentimentos, e consiste numa oportunidade de reconstrução da sua própria história. O sujeito se vê obrigado a organizá-la e muitas vezes lhe atribui novos sentidos. Nessa direção, as entrevistas têm também valor de intervenção, pois sempre provocam reflexão e possibilidade de reconstrução. Tomando de empréstimo as palavras de Bosi (2001, p. 413), "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva".

A MEMÓRIA E AS NARRATIVAS

Ao narrarem suas histórias, os indivíduos reconstróem o passado através de suas lembranças. Os fatos não são, necessariamente, colocados de forma cronológica; novos sentidos podem ser construídos no momento em que se rememoram os eventos. As lembranças vão sendo organizadas no encontro entre narrador e pesquisador. Cabe ao entrevistador, no diálogo com os narradores, questionar os discursos que surgem, tensionando e aprofundando aquilo que julgue necessário.

Quando alguém conta uma lembrança, está impresso neste discurso sobre o passado suas impressões atuais, heranças de seus pais, avós e de seu entorno social, valores morais e éticos e expectativas com relação à situação narrada. Quando a passagem é narrada logo depois do momento em que acontece, o

indivíduo prende-se a determinados detalhes. Mas ao longo do tempo, ele pode perceber e repensar essas passagens de outras formas e a cada vez que as reconta coloca uma nova impressão, um novo dado. Logo, é provável que o modo de narrar um acontecimento esteja consonante com o momento histórico em que aconteceu. Mas também é possível pensar que esta lembrança sofre a influência das várias vezes em que ele as narrou, em diferentes contextos. Sendo assim, é importante compreender o indivíduo dentro de seu meio e logo, dentro de seu tempo. Não podem estar dissociados do momento histórico e social onde estão inseridos, pois todo o seu discurso está atravessado por ele.

O mesmo se dá nas práticas institucionais. Há uma memória coletiva produzida no interior de um grupo, alimentada por imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquele grupo (BOSI, 1994). São memórias repletas de inautenticidades, imprecisões e interpretações. Um mesmo acontecimento pode ser vivido por pessoas diferentes, de modos distintos, visto que se trata de como cada um apreende o mundo em que vive. Essas diferenças acabam por compor os questionamentos críticos sobre a "verdade" em relação ao uso dessa ferramenta: Será que o que está sendo contado aconteceu da forma relatada? A resposta que se pode dar é a de que os fatos narrados são fatos memorizados a partir de uma vivência, de um modo ver e interpretar um mundo. Bosi (2003, p. 20) alerta que, "a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a

uma interpretação sutil e rigorosa". Cada narrador relata suas memórias a partir de um viés ideológico, e a diversidade de interpretações mostra a complexidade do fato. Um mesmo acontecimento acaba sendo contado diferentemente, segundo o relator e sua concepção daquele momento. Para a autora, "a memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a maior riqueza." (BOSI, 2003, p. 15).

Logo, as construções grupais podem influenciar na memória, produzindo interpretações semelhantes sobre um acontecimento narrado, ou produzindo esquecimento. A referida autora considera a necessidade de se interpretar não só a lembrança, como também o esquecimento, pois este, assim como as omissões, é exemplo de como se deu a incidência do fato, os traços que deixou e o impacto para as populações da época a que se refere. Outros autores pensam também sobre verdade e narrativa. Hanna Arendt (1995, p. 244) afirma que, o caráter de realidade é dado a partir dos olhos do narrador "tudo o que parece ser real, o mundo das aparências, precisa na verdade de meu consentimento para poder ser real para mim". A realidade é fruto dos modos como os fatos aparecem para o narrador, e não necessariamente para os fatos em si.

Por fim, interessa mais quais os sentidos que atribuem às situações vivenciadas. A memória, muitas vezes ainda é fragmentada por lembranças turvas e espaças do que se passou. Demora a ser restaurada, pois as associações acontecem aos poucos e não necessariamente se constituem como a reconstrução fiel do que havia acontecido. Neste sentido, reafirma-se aqui a importância do narrador.

O RECORTE LABORAL

Pensar na trajetória de vida de um sujeito é considerar infinitos aspectos que se articulam na sua constituição e acaba por se fazer necessário estabelecer recortes para prosseguir com as análises. Os recortes podem partir dos aspectos mais pregnantes observados na narrativa ou podem ser estabelecidos de antemão pelo pesquisador. Neste último caso, o pesquisador dentro da narrativa privilegia um desenho para o estudo, aquilo que se refira ao seu eixo analítico. Ao que concerne a este artigo, enfatiza-se o campo laboral e suas relações como recorte. Neste caso, pesquisador e participante podem se debruçar sobre aspectos específicos do trabalho ou sobre o conjunto da trajetória laboral de determinados indivíduos, categorias profissionais, ou organizações.

Cada participante, enquanto sujeito social, narra hábitos, ideais e modos de ser. Nesse sentido, a partir de trajetórias individuais, podem-se pensar os

atravessamentos sociais e toda a complexidade envolvida. A psicossociologia sendo uma disciplina que se preocupa com as articulações entre a perspectiva individual e social, pode ter na história de vida um instrumento muito interessante e apropriado, pois os interstícios estarão sempre sendo objeto do olhar atento do pesquisador. A narrativa de vida vai possibilitar apreender as divisões do sujeito: as contradições, as exigências, as zonas visíveis e invisíveis dos contextos do trabalho, das organizações e instituições. Isso permite um olhar sobre as transformações na organização e na gestão do trabalho ao longo do tempo; assim como o conjunto das novas exigências demandadas ao trabalhador nos diferentes momentos históricos.

A história laboral permite analisar como ocorrem as realizações das atividades, quais os conflitos que atravessam ou atravessaram as práticas profissionais, quais os impedimentos, resistências existem ou existiram nos contextos grupais, organizacionais para a realização das atividades. Esse método favorece que a partir da narrativa se destaquem eixos que se congregam continuamente: as vivências do trabalhador, a atividade na sua realização e impedimento, as perspectivas grupais e organizacionais, e o contexto ampliado (macro).

A história de vida laboral, em síntese, visa favorecer que se compartilhem através de uma perspectiva clínica as violências, sofrimentos, os prazeres, os

vínculos sociais e seus impedimentos nas situações de trabalho. É importante a sensibilidade de perceber as situações de trabalho que remetem a ações repetitivas ou que fazem apelo à criatividade e a novas mobilizações coletivas.

É fundamental ter claro qual o objetivo da pesquisa e aprofundar determinados aspectos. E o progresso do uso desse método está na possibilidade de um "encontro" entre pesquisador e sujeito trabalhador. Aqui, o termo "encontro" se refere à profundidade de uma relação existencial. A qualidade da entrevista depende também da qualidade do vínculo que se pode criar entre o pesquisador e sujeito da pesquisa. Se assim não fosse, Bosi (2003, p. 61) alerta que a entrevista seria como uma "apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro". É importante que ambos tenham saído dessa experiência transformados por ela.

É fato que as técnicas da pesquisa devem se adequar ao objeto de estudo, e no processo de coleta de estilo narrativo biográfico, as explorações abertas são mais pertinentes. Principalmente, se for permitido ao sujeito a liberdade de encadear e compor sua narrativa da forma que escolher. Apoiando-se na premissa de que "a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo de sua experiência e da experiência do seu grupo" (BOSI, 2003, p. 56), tem-se que garantir a liberdade do depoimento é uma questão ética da pesquisa.

Dessa maneira, não é necessário um roteiro rígido de perguntas. Ao contrário, aposta-se numa exploração ampliada que pode ser norteadas por alguns eixos temáticos. O pesquisador pode, nesse diálogo aberto, compartilhar as dificuldades, os pontos nebulosos, abrindo possibilidades de acompanhar melhor o caminho tomado pelo sujeito. E ao final ter contemplado seus eixos temáticos. O desafio do profissional é manter uma dupla atenção ao singular e a conjuntura mais geral.

O importante é salientar aquilo que pertence ao sujeito, o que é vivido por ele, como sente as situações do mundo do trabalho, como as vê e analisa. No entanto, não perder o foco daquilo que se apresenta como atravessamento social, quais as influências e impactos do momento social, histórico e econômico em que ele vive. Há uma dualidade entre o que é de si e o que é produção social (LE VEN, 2008), porém não significa mantê-los como polos separados, e sim diluir os antagonismos entre subjetividade e objetividade. O método biográfico, seja ele biográfico ou auto biográfico, pode acrescentar a visão do lado subjetivo aos processos institucionais estudados, evidenciando como as pessoas concretas vivenciam esses processos (GOLDENBERG, 1997).

Isso implica pensar o homem em situação, ou seja, além das determinações sociais e intrapsíquicas. A maneira como cada indivíduo pode vir a ter domínio de seu

destino (GAULEJAC, 2001). Refletir sobre as linhas de força que existem e influenciam sua trajetória.

A narrativa é um instrumento de historicidade, onde o presente é pensado considerando a história (CARRETEIRO, 2003), a partir de sua capacidade de "jogar com o tempo de vida, de reconstruir o passado, de suportar o presente e de tornar belo o futuro" (GAULEJAC, 2005).

Em geral, utiliza-se a entrevista semidirigida em profundidade como ferramenta principal para dar suporte à história de vida. Não é uma regra, mas acredita-se que seja o melhor instrumento desse método. Os suportes para que se recontasse essa história são múltiplos. Podem se dar através de documentos, cartas, diários, vídeos, gravações. Eles ainda podem ser usados isoladamente ou combinados. As escolhas e os caminhos a serem trilhados são particulares a cada caso e a cada intervenção, porém o que é importante é a trajetória narrada e as possibilidades de intervenção que se colocam.

Ao se solicitar ao indivíduo que conte sua história, nota-se a mobilização de sentimentos que provoca. A memória é sempre uma reconstrução e esta por vezes, propicia a elaboração de algumas questões. É importante estar atento a como os indivíduos se portam diante das perguntas e ao se escutarem. Ao relatar

a sua trajetória laboral, abre-se espaço para a escuta da mesma. A pessoa, no processo de narrar os fatos, os revive de alguma forma e reformula posturas, opiniões, elabora e avança em algumas questões.

Muitas vezes percebem detalhes nunca antes observados. Associações surgem. Contar e recontar possibilita uma maior elaboração dos acontecimentos e diferentes reflexões sobre os mesmos. Logo, as entrevistas tem valor de intervenção, pois produz efeitos nos sujeitos entrevistados, a medida que ele reflete a partir das perguntas feitas e das respostas dadas por ele mesmo. Podemos entender o rememorar aqui como reviver, refazer, como uma possibilidade de reconstruir (BOSI, 2001, p. 55). Os entrevistados podem ressignificar suas experiências à medida que falam.

A história de vida também tem função expressiva (BERTAUX, 1980), ou seja, possibilita a ilustração das informações conseguidas. Como em um retrato, refletem as questões analisadas sobre o trabalho. É a forma como a trajetória, ou o conjunto de trajetórias, pode expressar o fenômeno estudado. Onde as informações contribuem pra refutar ou confirmar as hipóteses levantadas.

CONCLUSÃO

A História de vida laboral é instrumento de coleta de dados e intervenção fértil em trabalhos cuja psicossociologia é aporte teórico. Isto porque este campo busca trabalhar com os interstícios, com a leitura plural dos acontecimentos, com os diferentes "entres" de seus objetos de análise.

Como instrumento, a história de vida permite uma escuta ampliada, onde a emergência de diferentes pontos pode ser iluminada por teorias e disciplinas distintas. O uso de várias fontes de conhecimento favorecem a elucidação de fatores históricos, sociais, políticos e econômicos. Nesse contexto, o método de historia de vida apresenta uma aplicabilidade consonante com a proposta psicossociológica. Se está na base dessa disciplina a forma "multifacetada" de olhar o objeto pesquisado, a história de vida permite alcançar pontos diversos em um discurso e, ao mesmo tempo, diferentes perspectivas de um mesmo ponto de análise.

Com relação ao campo do trabalho, a história de vida tem se mostrado eficiente, visto que permite enxergar e denunciar as tensões, os impasses, os arranjos e as redes de solidariedade existentes nos espaços laborais, bem como as angústias, as

aflições, os prazeres e ganhos subjetivos daqueles que compartilham estes espaços.

Ao coletar a história de um sujeito ou grupo o pesquisador pode fazer uso de diferentes ferramentas. Além das entrevistas em profundidade, pode-se associar a elaboração de uma linha de vida laboral, ou um mapa da organização onde a intervenção foi feita. Isto favorece a emergência de lembranças que permitem ao indivíduo pensar (e até mesmo reelaborar) o impacto que estas instituições/organizações tiveram na sua trajetória e como estas podem contribuir para a forma como o trabalhador vê o seu trabalho e o vivencia. Ao mesmo tempo, através da história de um sujeito ou grupo leva à análise de fatores sociais mais amplos, enquanto processos de subjetivação de um dado momento sócio-histórico-político.

É importante salientar também que a psicossociologia tem uma produção de grande relevância sobre as organizações e instituições. Neste sentido, ela privilegia um olhar atento para os fatores da cultura organizacional que alimentam o sentimento de pertencimento do indivíduo com aquele espaço de trabalho, bem como os possíveis mal estares que estas instâncias podem lhe causar.

Ao redor de uma técnica ou método de pesquisa sempre se coloca o questionamento de em quais circunstâncias e situações se deveria lançar mão dela. No caso da história de vida laboral, que se propõe a atuar através de entrevistas em profundidade, associada ou não a outras ferramentas, a resposta que se propõe aqui é a de que ela se faz enquanto um bom recurso quando o objeto da análise é o que se pode denominar de acontecimento-ruptura. Isso implica em estar atento aos processos de ruptura/continuidade produzidos nas diversas situações de trabalho. Os momentos de rompimento sejam eles o adocimento, um período de desemprego, aposentadoria se revelam como momentos de reestruturação e o que tornam os sujeitos mais sensibilizados à pesquisa.

Nessas situações, a construção ou a produção da narrativa de uma trajetória pode auxiliar a criar contextualizações e produções sócio organizacionais e singulares de sentido, trazendo elementos compreensivos e analíticos para o acontecimento-ruptura com o qual o sujeito trabalhador está confrontado no tempo presente.

A realização de entrevistas com várias pessoas permite estabelecer análises transversais e elaborar categorias sócio analíticas, que passam a atestar a interação ente várias dimensões sociais, financeiras, históricas, organizacionais,

singulares. Tais dimensões solicitam um olhar plural que possa recorrer a diversas disciplinas.

Logo, a psicossociologia e a história de vida caminham juntas no campo do trabalho, permitindo um olhar multifacetados sobre os objetos de investigação.

REFERÊNCIAS

AMADO, G.; ENRIQUEZ, E. Psicodinâmica do trabalho e psicossociologia. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Org.). Clínicas do trabalho. São Paulo: Atlas, 2011. p. 208-226.

ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. (Org.). Cenários sociais e abordagem clínica. São Paulo: Escuta/Belo Horizonte: Fumec, 2001. 264 p.

BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LEVY, A. (Org.). Dicionário de psicossociologia. Lisboa: Climepsi. 2005. 262 p.

BERTAUX, D. Destinos pessoais e estruturas de classe. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 213 p.

BERTAUX, D. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, v. LXIX, p. 197-225, 1980.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488 p.

BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003. 224 p.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e o estudo de histórias de vida com professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Corpo e contemporaneidade. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005a.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Perspectivas da clínica ampliada face a uma morte anunciada. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). Família e casal: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005b. p. 294-303.

CARRETEIRO, T. C. O. C. História de vida: da genealogia a um estudo de caso. *Psico*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 281-295, 2003.

CARRETEIRO, T. C. O. C.; ARAUJO, J. N. (Org.) Cenários sociais e abordagem clínica. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC, 2001a.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Psicossociologia em exame. In: MACHADO, M. N. ; CASTRO, E. DE M.; ARAÚJO, J. N. G.; ROEDEL, S. (Org.). *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.

CARRETEIRO, T. C. O. C. A doença como projeto: uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 87-96.

CARRETEIRO, T. C. O. C. *Exclusion sociales et construction de l' identite*. Paris: L' Harmattan, 1993. 270 p.

CARRETEIRO, T. C. O. C. História de vida. *Revista Investigación*, Montevideo, v. 1, p. 9-20, 1998.

COULON, A. A Escola de Chicago. São Paulo : Papyrus, 1995. 136 p.

DUBOST, J. L'intervention psychosociologique. Paris: PUF. 1987. 352 p.

ENRIQUEZ, E. As figuras do poder. São Paulo: Via Lettera, 2007. 216 p.

ENRIQUEZ, E. El relato de vida: interfaz entre intimidad y vida colectiva. Perfiles Latinoamericanos, Mexico, n. 21, p. 35-47, Ene./Jun. 2002.

ENRIQUEZ, E. A organização em análise. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 302 p.

ENRIQUEZ, E. O trabalho de morte nas instituições. In: KAËS, R.; BLEGER, E.; ENRIQUEZ, E.; FORNARI, P.; FUSTIER, R.; ROUSSILLON, J.; VIDAL, J. P. A instituição e as instituições. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 73-101.

FERRAROTI, F. Historias de vida y Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti. Perifèria - Revista de Recerca i Formació en Antropologia, Bellaterra, v. 2, n. 5, p. 1-14, Dic. 2006.

FERRAROTI, F. Histoire et histoires de vie: le méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Méridiens, 1983. 195 p.

FERRAROTI, F. As biografias como instrumento analítico e interpretativo. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, v. LXIX, n. 1, p. 227-248, 1980. [tradução não autorizada]

GAULEJAC, V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Idéias & Letras. 2007. 338 p.

GAULEJAC, V. As origens da vergonha. São Paulo: Via Lettera, 2006. 240 p.

GAULEJAC, V.; MARQUEZ, S. R.; RUIZ, E. T. História de vida – Psicoanálisis y Sociologia Clínica. Querétaro: Ediciones UAQ, 2005. 240 p.

GAULEJAC, V. Psicossociologia e Sociologia Clínica. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. O. C. (Org.). Cenários Sociais e Abordagem Clínica. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 35- 47.

GAULEJAC, V. La nevrose de classe: trajectoire sociale et conflits d'identité. 3. ed. Paris: Hommes et Groupes, 1999a. 310 p.

GAULEJAC, V. L'histoire en héritage: roman familial et trajectoire sociale. Paris: Desclée de Brouwer, 1999b. 168 p.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record. 1997. 112 p.

LE GRAND, M.: À raconter son histoire. Les recits de vie. Sciences Humaines, Paris, n. 102, Fév, 2000.

LE VEN, M. M. Afeto e política. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. 227 p.

LHUILIER, D. . Filiações teóricas da clínica do trabalho. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. A. (Org.). Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas. 2011. p. 22-58.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 268 p.

RHÉAUME, J. El relato de vida de vida colectivo y la aproximación clínica en ciencias sociales. Perfiles Latinoamericanos, Mexico, n. 21, p. 99-115, Ene./Jun. 2002.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. El campesino polaco en Europa y en América. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004. 422 p.

Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia

Resumo

Este ensaio tem como objetivo descrever o método de história de vida aplicado ao campo do trabalho, cujo nome é “história de vida laboral”. Para isto, analisa-se primeiramente a Psicossociologia, arcabouço teórico que utiliza da história de vida como método de coleta de dados e intervenção. Descreve-se aqui como a psicossociologia analisa os diversos espaços em que se insere os indivíduos, entre eles, o trabalho, as organizações e instituições. Em seguida, retoma-se a o método “história de vida”, e como este foi utilizado em momentos históricos distintos. Elucida-se também sobre alguns conceitos associados a este na atualidade e como pode ser um instrumento fértil para análises nos campos da psicossociologia.

Palavras-chave

História de vida laboral, psicossociologia, trabalho.

Working in the "between": the story of working life as a research method in social Psychosociology

Abstract

This article aims to describe the "Life History Method" applied to "Work field", whose name is " history of working life ". For this, it's analyzes , primarily, the Psychosociology , theoretical framework that uses life story as a collective method and to do intervention . It describes how psychosociology analyzes several spaces in which people operates . Among them, the work, your organizations and institutions. Then it describes the method "life story" and how it was used in different historical moments. It also sheds light on some concepts associated with this today and how it can be used for analysis in the psychosociology.

Keywords

Working life history, psychosociology, work

Trabajar en el "entre": la historia de vida laboral como un método de investigación en Psicosociología

Sumario

Este artículo tiene como objetivo describir el método historia de vida aplicado al campo de trabajo, llamada "historia de la vida laboral". Para ello, se analiza primero la Psicosociología, marco teórico que utiliza la historia de vida como método de intervención y recopilación de datos. Se describe aquí como la psicosociología examina las diversas áreas en las que opera individuos, entre ellos el trabajo, las organizaciones y las instituciones. Luego se describe el método de "historia de vida" y la forma en que se utilizó en diferentes momentos históricos. También arroja luz sobre algunos conceptos relacionados con su utilización actual y cómo puede ser una herramienta para el análisis en el campo de la psicología social.

Palabras-clave

Historia de vida laboral, psicosociología, trabajo.

Autoria

Bruna de Oliveira Santos Pinto

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: bosp82@gmail.com.

Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro

Doutorado em Psicologia Social Clínica pela Université Paris Diderot. Professora Titular da Universidade Federal Fluminense. E-mail: tecar2@uol.com.br.

Luciana da Silva Rodriguez

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Psicóloga da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. E-mail: lulu_psico@hotmail.com.

Endereço para correspondência

Bruna de Oliveira Santos Pinto. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campus do Gragoatá, s/n, Bloco O, Sala 432, São Domingos, Niterói, RJ, Brasil. CEP: 24220-350. Telefone: (+55 21) 36208080.

Como citar esta contribuição

PINTO, B. O. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C.; RODRIGUEZ, L. S. Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 976-1022, dez. 2015.

Contribuição Submetida em 15 nov. 2015. Aprovada em 7 dez. 2015. Publicada online em 19 jan. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editores especiais: Admarco Bonifácio Gomes Junior, Fernanda Tarabal Lopes e Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães.

